

## **TIPOGRAFIA PICTÓRICA MISAK-NASA**

### ARTICULAÇÕES ENTRE O SISTEMA ISOTYPE E A COSMOVISÃO ANDINA

Palavras-chave: ISOTYPE, tipografia pictórica, design de informação, símbolos indígenas, [ciber]território.

**João Lucas Moraes Lima**; Universidade Federal de Pelotas (UFPel);  
Pelotas, RS, Brasil;  
[jlucasmlima@gmail.com](mailto:jlucasmlima@gmail.com);

**Jennifer Paola Pisso Concha**; Universidade Federal de Pelotas (UFPel);  
Pelotas, RS, Brasil / Popayán, Cauca, Colômbia;  
[www.moryta@gmail.com](mailto:www.moryta@gmail.com);

**João Fernando Igansi Nunes**; Universidade Federal de Pelotas (UFPel);  
Pelotas, RS, Brasil;  
[fernandoigansi@gmail.com](mailto:fernandoigansi@gmail.com).

#### **1. Introdução**

Este artigo propõe uma articulação entre os princípios do sistema ISOTYPE (International System of Typographic Picture Education), desenvolvido por Otto Neurath nos anos 1930, e a cosmovisão gráfica dos povos indígenas Misak e Nasa, na perspectiva de valorização do patrimônio imaterial e da construção de linguagens visuais acessíveis.

A proposta resultou na família tipográfica pictórica *Typeface Misak&Nasa*, concebida como sistema de comunicação visual fundado em símbolos tradicionais reinterpretados sob métodos de abstração formal, síntese gráfica e estilização geométrica. Partindo da premissa de que imagens são mais inclusivas do que palavras (Neurath, 1936), o trabalho investiga os símbolos desses povos — conhecidos como ‘Hijos del Agua’ — como formas legítimas de conhecimento e expressão. A tradução desses signos para linguagem visual contemporânea, inspirada no ISOTYPE, busca preservar sua densidade simbólica e epistemológica em processo colaborativo e ético de mediação cultural.

O objetivo é explorar o potencial comunicacional de ícones e pictogramas Misak e Nasa como estratégia educativa, patrimonial e gráfica, respeitando sistemas visuais

autônomos. O projeto dialoga com debates do design de informação, considerando contribuições de Ellen Lupton (2014) sobre linguagem visual e contextos culturais, Stuart Hall (2002) sobre representação e identidade, e Jorge Frascara (2004) quanto à função social do design. A produção de Gerd Arntz é referência estética e metodológica para criação de pictogramas de leitura rápida e aplicação transversal.

## **2. Fundamentação teórica**

O ISOTYPE, criado por Neurath e desenvolvido por Gerd Arntz, tinha como objetivo democratizar o acesso à informação em uma sociedade marcada por desigualdades educacionais. Sua proposta de transformar dados estatísticos em representações pictóricas tornou-se base do design de informação. A linguagem padronizada buscava universalidade, mas, como discutem estudiosos, sua pretensão de neutralidade estava enraizada em perspectiva ocidental de comunicação.

Ao colocar o ISOTYPE em diálogo com cosmovisões indígenas, este trabalho propõe não apenas apropriação metodológica, mas também revisão crítica. Stuart Hall (2002) argumenta que toda prática representacional está vinculada a contextos de poder e identidade. Reconhecer a potência dos símbolos Misak e Nasa significa deslocar a centralidade eurocêntrica e abrir espaço à pluralidade epistêmica.

Ellen Lupton (2014) destaca que narrativas visuais são culturalmente situadas, moldando não apenas a forma de transmitir informação, mas também os modos de compreender o mundo. Essa perspectiva aproxima-se da noção de tecnologias do sensível (Barbosa, 2010), que articula processos artísticos, educativos e comunitários como formas legítimas de conhecimento. Ao considerar os ícones indígenas como estruturas epistemológicas e não apenas ornamentos visuais, a tipografia pictórica proposta insere-se em um campo de resistência cultural e afirmação identitária.

### **3. Metodologia**

A metodologia adotada combina o design centrado no usuário, análise semiótica e co-criação com comunidades patrimoniais. A pesquisa teve início com um mapeamento iconográfico que identificou cerca de 40 símbolos utilizados pelas comunidades Misak e Nasa, abrangendo temas como espiritualidade, Natureza, educação própria e práticas territoriais. Esses símbolos foram submetidos a um processo de mediação etnográfica e interpretativa, com ênfase em seus significados e formas ancestrais.

As etapas metodológicas incluíram:

- inventário e validação comunitária dos símbolos;
- abstração geométrica com base na linguagem ISOTYPE (formas planas, contraste positivo-negativo, contornos simplificados);
- construção modular de pictogramas;
- testes de leitura visual com jovens das comunidades;
- prototipação de uma família tipográfica pictórica com variações formais que respeitam os Princípios Andinos de dualidade, reciprocidade e circularidade.

Esse processo metodológico buscou respeitar a autonomia cultural das comunidades, ao mesmo tempo em que estabeleceu um diálogo produtivo entre práticas gráficas contemporâneas e epistemologias ancestrais.

Cada pictograma foi validado a partir de narrativas orais e elementos visuais do tecido tradicional, garantindo que a transposição gráfica respeitasse o contexto simbólico e o repertório visual indígena. Em paralelo, foram realizados testes de leitura com grupos de jovens Misak e Nasa, demonstrando alto grau de reconhecimento dos signos e engajamento com sua aplicação em contextos digitais, como aplicativos educacionais, plataformas museológicas e mapas interativos de memória.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025





| Os símbolos Andinos dos 'Filhos d'água' [Misak & Nasa]                            |   |
|---|---|
| Símbolo   | Significado[s]  |
|  | O ciclo da vida (começa na gestação da mulher e vai até a pessoa morrer).   |
|  | Natureza (rios, montanhas, lagoas, chuva, trovões, arco-íris, floresta, Páramos, etc.), representam os Seres Espirituais, produto da relação mundo espiritual-Natureza-homem. |
|  | <i>Thë' wala /Merøpik</i> [Médico tradicional]. É um sabedor dos remédios próprios. Interpreta a relação corpo-Natureza.  |
|  | Parteira. Reconhecida também como 'mãe de todos' no território. Usa plantas medicinais para sarar. Também, ajuda durante a gravidez, parto e pós-parto.                       |

Imagem 1 – Fragmento da tabela de símbolos Misak & Nasa  
Fonte: Tese de Jennifer Paola Pisso Concha (2025)

## 4. Resultados e Discussão

O resultado foi a concepção de um conjunto tipográfico pictórico, composto por ícones vetoriais que representam elementos da cosmovisão dos '*Hijos del Agua*'. Entre os pictogramas desenvolvidos, destacam-se:

- **Espiral:** símbolo dos ciclos da vida e do tempo;
- **Natureza:** fonte de energia vital e espaço sagrado de equilíbrio;
- **Médico tradicional:** guia espiritual que cura e harmoniza com plantas e rituais;
- **Parteira:** guardiã do nascimento e transmissora de saberes ancestrais;

A espiral remete ao movimento contínuo da natureza e ao fluxo vital que conecta nascimento, existência e morte. O pictograma "O ciclo da vida" apresenta duas espirais interligadas que sintetizam o percurso humano. A primeira representa gestação e nascimento, espaço de origem e recolhimento; a linha de conexão simboliza a trajetória

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

existencial, marcada por aprendizado e experiência; a segunda espiral evoca o encerramento da vida e a continuidade simbólica no coletivo.



Imagem 2 – Pictograma ‘Espiral dupla’  
Fonte: Projeto do autor (2025)

O traço grosso e contínuo reforça clareza e inteligibilidade universal, preservando a densidade cultural indígena e criando ponte entre patrimônio simbólico ancestral e práticas contemporâneas de comunicação visual.

O pictograma “Natureza” sintetiza a presença das montanhas como arquétipo da dimensão espiritual da natureza. Para a tradição indígena, rios, florestas, trovões e picos elevados são entidades dotadas de vida, representando a ligação entre mundo natural, espiritual e humano.



Imagem 3 – Pictograma ‘Natureza’  
Fonte: Projeto do autor (2025)

O traço anguloso e contínuo remete ao perfil de montanhas e simboliza território e força telúrica, evocando a verticalidade que conecta terra e céu. A síntese visual reduz a forma à essência, tornando a mensagem clara e acessível sem esvaziar seu conteúdo simbólico.

O pictograma “Thě’ wala / Merøpik” representa o médico tradicional indígena, figura central nos processos de cura e mediação entre corpo, natureza e espiritualidade. O símbolo escolhido, um pilão com socador, sintetiza o saber ancestral dos remédios naturais preparados a partir de elementos da floresta.



Imagem 4 – Pictograma ‘Thě’ wala /Merøpik’  
Fonte: Projeto do autor (2025)

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O traço grosso e simplificado garante legibilidade, preservando a densidade simbólica. O pilão funciona como metáfora da transformação, já que nele a natureza é convertida em medicamento. O *Thë' wala* é guardião de saberes imateriais, interpreta sinais do corpo e da natureza, articulando diagnósticos que integram físico, espiritual e coletivo. O pictograma traduz esse papel de mediador entre mundos, não apenas como curador, mas intérprete da relação corpo–natureza–comunidade.

O pictograma “Parteira” representa a parteira tradicional indígena, reconhecida como figura central na vida comunitária e chamada muitas vezes de “mãe-de-todos”. O símbolo escolhido, uma forma simplificada do útero e ovários, sintetiza fertilidade, gestação e continuidade da vida, em íntima relação com saberes femininos ancestrais.



Imagem 4 – Pictograma ‘Parteira’

Fonte: Projeto do autor (2025)

O traço demonstra clareza e universalidade, mantendo densidade simbólica. A imagem do útero funciona como metáfora da função social da parteira: acolher, proteger e mediar a passagem da vida. Mais que responsável pelo parto, a parteira atua com plantas medicinais, orientação na gravidez e cuidados no pós-parto. Seu papel ultrapassa o biológico: é guardiã de saberes de saúde, espiritualidade e coletividade, encarnando a continuidade da vida e a transmissão intergeracional do conhecimento.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O sistema Typeface Misak&Nasa opera como gramática visual que comunica e reativa saberes coletivos e territórios da memória. Atua como instrumento de continuidade simbólica e expressão identitária. O uso de formas padronizadas e acessíveis dialoga com o princípio do ISOTYPE — tornar informação compreensível a partir de signos simplificados e universais — reinterpretado à luz de epistemologias visuais não ocidentais.

## 5. Conclusão

A partir dessa perspectiva, a proposta amplia o campo do design gráfico ao reconhecer saberes indígenas como tecnologias do sensível (Barbosa, 2010), que articulam tradição, memória e futuro por meio de formas visuais. Assim como o ISOTYPE buscava comunicar informações complexas ao público leigo por meio de uma linguagem visual sistematizada, esta pesquisa propõe um design intercultural que assume os sistemas visuais indígenas não como ilustrações exóticas, mas como estruturas gráficas legítimas e produtoras de conhecimento.

A integração entre princípios do ISOTYPE e símbolos tradicionais Misak e Nasa demonstra que é possível elaborar sistemas de design comprometidos com a inclusão, a justiça epistemológica e o fortalecimento das culturas originárias. Além de seu valor comunicacional, a tipografia pictórica é uma ferramenta de resistência simbólica e reterritorialização da memória, capaz de operar em meios físicos e digitais. Do ponto de vista técnico, o sistema tipográfico apresenta-se como uma fonte modular, vetorial, de alta legibilidade, aplicável em diversos suportes — painéis interpretativos, materiais escolares bilíngues, publicações comunitárias e interfaces digitais — consolidando-se como tecnologia comunicativa com ampla aplicabilidade.

Por fim, ao propor um repertório visual respeitoso e participativo, o trabalho contribui para o campo do design de informação e da educação patrimonial, lançando bases para outras experiências de co-criação visual entre saberes ocidentais e indígenas. Também abre perspectivas futuras para o desenvolvimento de famílias tipográficas

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

interculturais que dialoguem com diferentes contextos comunitários na América Latina, reforçando a ideia de que o design é ferramenta política de visibilização, reconhecimento e pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ARNTZ, Gerd. *Gerd Arntz Web Archive*. Disponível em: <https://www.gerdarntz.org>

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CONCHA, Jennifer Paola Pisso. *El [ciber]territorio de los 'Hijos del agua' [Misak & Nasa] de Colombia*. 2025. 303 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

FRASCARA, Jorge. *Communication Design: Principles, Methods, and Practice*. New York: Allworth Press, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUPTON, Ellen. *Design is Storytelling*. New York: Cooper Hewitt, 2017.

NEURATH, Otto. *International Picture Language*. Londres: Kegan Paul, 1936.